



**REDE**  
BANDIDOS

# Bandos, gangues e companhia

As redes são como os casamentos, para o bem e para o mal.

Estes sete casos são exemplos de grupos de pessoas, teias de bandidos que sempre pulularam por Portugal, apesar de ser um país de “brandos costumes”. E são apenas alguns...

TEXTO DE ANABELA NATÁRIO ILUSTRAÇÕES DE ALEX GOZBLAU



## Os “Brandões”

Uns dizem que esta rede familiar do século XIX lutava pela liberdade “varrida” do reino pelos miguelistas, outros que apenas lutavam pela sua liberdade, fugindo à polícia para que nenhum dos membros fosse parar às masmorras pelos crimes que cometiam, o que não se revelou muito difícil dada a teia de conhecimentos que ia de ministros a juizes. De início, até podem ter tido boas intenções, o rei D. Miguel usurpara o trono ao irmão, as perseguições políticas não poupavam ninguém, gerara-se a confusão com a guerra civil... mas, em pouco tempo, o combate ao regime absolutista começou a encobrir roubos, assaltos e homicídios. E, durante anos, a região da Beira estremeceu. Manuel Brandão, o pai, liderava o grupo constituído pelos filhos, primos e alguns amigos. Entre todos, destacou-se um dos filhos, João Brandão, que ficou conhecido por “Terror das Beiras”, tendo sido o único a ser julgado e condenado, em 1869, a trabalhos públicos perpétuos na África oriental. Morreu dez

anos depois, com 55 de idade, em Angola, assassinado por um sócio.

## O Bando do Zé da Tarada

Com o assalto a dois casais num parque de estacionamento de Algés, em novembro de 1975, sete homens — Zé da Tarada, Isidro, os irmãos Dedé e Míope, Manolo, Dragão, Ata e Vítor — iniciaram uma onda de crimes que aterrorizou a região da Grande Lisboa durante pouco mais de dois meses. O grupo ficou conhecido pela alcunha do seu cabecilha, Zé da Tarada, e começou por assaltar à mão armada (da pistola à metralhadora), passando rapidamente para o sequestro, violação e assassinio. Tanto atuavam em conjunto como aos pares e várias vezes por dia. O Vítor foi quem entrou menos nas andanças da quadrilha, já que no segundo assalto se gerou um tiroteio e, no meio da confusão, o Ata baleou-o. Após uma curta estada no hospital, o ferido fugiu sem deixar rasto. Mas os compinchas continuaram a maltratar e violar mulheres, menores e adultas, a assaltar casais e a

matar por dá cá aquela palha, como daquela vez em que o Isidro não gostou que o dono de uma pensão lhe recusasse a reserva ou quando o Zé assassinou um polícia que resolvera enfrentá-lo, a ele, ao Isidro e ao Dedé... Claro que este incidente os deixou furiosos, tão danados que apanharam uma jovem na rua, levaram-na para junto do cemitério da Amadora e violaram-na. Com tanta azáfama, ficaram na mira da Judiciária. Dispersaram para continuar a atuar, mas em abril de 1976 o bando “morreu”, com a prisão, em Madrid, do cabecilha.

### Forças Populares 25 de Abril

Rebentam bombas pelo país, estamos em 1980. Há um grupo que pretende instaurar uma ditadura do proletariado e criar um exército popular, é o braço armado da organização de extrema-esquerda Força de Unidade Popular (FUP). Constituem as FP25 em abril e no mês seguinte matam um GNR e assaltam dois bancos. Ao longo de sete anos, cometem 17 assassinios, 66 atentados à bomba e, ainda, 99 assaltos. O início do desmantelamento desta rede terrorista, resultado da operação policial Orion, começou com uma rusga à sede da FUP, em 1984. Entretanto, seria preso Otelio Saraiva de Carvalho, um dos capitães da Revolução de 25 de Abril, e condenado quatro anos depois, como um dos líderes do grupo, a 15 anos de prisão. Outros são também presos e sentenciados a prisão, mas em 1996 uma amnistia livrará todos os envolvidos.

### D. Branca

Nascida em 1911, de mãe que nunca chegou a conhecer e de pai que a deixou órfã aos 13 anos, Maria Branca dos Santos manteve durante duas décadas, sem saber ler nem escrever, uma rede financeira que partia de uma base muito simples: aceitava dinheiro em troca de juros e emprestava dinheiro em troca... de juros. Quem depositava dinheiro nos seus balcões ilegais ganhava dez por cento ao mês, quem lhe pedia emprestado pagava entre 12 e 15 por cento. O negócio era discreto e

só acabou quando saltou para as páginas dos jornais. Os bancos, nacionalizados após a revolução de 1974, hão-de queixar-se de que a atividade da senhora provocou, entre 1982 e 1984, uma queda de cerca de 20 por cento nos depósitos. Dona Branca ou Banqueira do Povo, como ficará conhecida, iniciou-se neste negócio quando vendia peixe num mercado, tinha 24 anos, e, durante algum tempo, foi a portuguesa mais popular no mundo. Detida em 1984, na sequência da prisão de um seu colaborador acusado de recetação de ouro, ouviu a sentença em 1990: dez anos de prisão pelos crimes continuados de cheques sem cobertura e burla agravada. No banco dos réus, estiveram outras 68 pessoas, das quais 44 foram condenadas entre dois e oito anos de prisão. Dois anos depois morre. Ao seu funeral, no Cemitério do Alto de São João, apenas foram cinco pessoas.

### FP27

A notícia, em 1986, parecia um filme: dois irmãos assassinos estavam cercados numa casa no Algarve e atiravam sobre a polícia. Antes, os Cavaco, Faustino e Vítor, já tinham protagonizado algo pouco habitual na realidade portuguesa: eles e mais quatro companheiros, armados com metralhadoras, fugiram da prisão de Pinheiro da Cruz depois de matar três guardas. Faustino fora preso no ano anterior. Liderava um gangue que fazia tudo para roubar, fosse matar ou raptar. E tornara-se pior quando apareceu Tomé Bárbara, especialista em assaltos à mão armada. O grupo ficou conhecido por FP27 — originou o nome a lembrança das Forças Populares 25 de Abril e o número da porta da sala onde a bri-

gada da Judiciária se reunia. José Faustino Cavaco foi julgado em 1987 e condenado por 45 crimes a 24 anos e seis meses de prisão, pena que cumpriu em Coimbra, onde se portou exemplarmente. Libertado em 1999, regressou ao Algarve para montar um negócio.

### Passerelle

São 24 suspeitos de terem cometido 1200 crimes que vão desde a fraude fiscal ao tráfico de pessoas. Os cabecilhas, que foram parar à prisão em 2006, tinham uma cadeia de bares de *striptease* denominada Passerelle e, segundo a polícia, dirigiam uma rede de imigração ilegal, em especial de brasileiras que transformavam em prostitutas-bailarinas, tudo envolvido num esquema de fuga aos impostos que terá atingido 25 milhões de euros. O julgamento demorou mais de um ano, mas no passado mês de julho ouviram a sentença do tribunal de Leiria. Os sócios, Vítor Trindade e o ex-polícia Alfredo Moraes, este a cumprir pena por envolvimento no caso “Máfia da Noite”, apanharam uma pena suspensa de quatro anos de prisão.

### Freeshop

A última rede criminosa a ser desmantelada em Portugal leva o nome que a operação policial lhe deu: “Freeshop”. Após meses de investigação, foram presos, no início de julho, três homens e uma mulher, de idades compreendidas entre os 29 e os 49 anos, suspeitos de pertencerem a uma associação criminosa que se dedicava a falsificar documentos e cartões de crédito e débito, utilizando a informática. Os suspeitos copiavam dados de cartões bancários de entidades financeiras, gravavam dados em cartões falsos para depois os utilizarem em compras de artigos de alto valor. Até agora, a Judiciária descobriu que o grupo — talvez com mais membros do que aqueles que foram detidos — falsificou 85 cartões e tentou adquirir bens no valor de 200 mil euros, mas o prejuízo efetivo cifra-se, por enquanto, em 40 mil euros, já que alguns proprietários de cartões conseguiram cancelá-los impedindo as transações. ■

anatario@expresso.impresa.pt